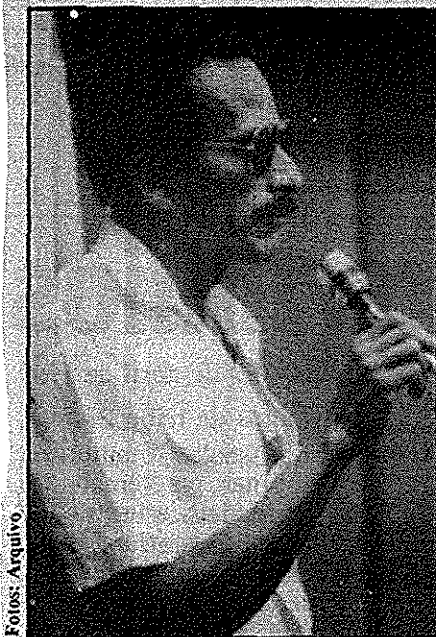


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Perantim Class.: 62

Data: Jun/85 Pg.: 13



Fotos: Arquivo



# Terra desmarcada é a exigência xukuru-kariri

Constituição de um grupo de trabalho diretamente ligado à Funai, para solucionar, de uma vez por todas, a questão da demarcação da área xukuru-kariri, em Palmeira dos Índios, Alagoas. Essa reivindicação, feita pela nação Xukuru-Kariri, ainda em novembro do ano passado, consta de um documento dirigido à Presidência do órgão tutor, assinado pelos caciques Manoel Celestino da Silva (*Wakonan - foto da esquerda*), e José Jerônimo da Rocha.

O documento historia, resumidamente, um pouco da vida e da luta dos Xukuru-Kariri para preservar-se como povo diferenciado da sociedade brasileira. Segundo se sabe, estes índios ocupam o território alagoano desde o ano de 1700. Naquele princípio do século XVIII, eram duas nações distintas; mas hoje, depois da resistência a anos de opressão, estão mesclados de tal maneira que são denominados Xukuru-Kariri. Viveram em paz na região de Palmeira dos Índios até 1770. Nesse ano, apareceu

por lá o missionário Frei Domingos de São José, que os converteu à fé católica. A primeira igreja cristã em território palmeirense foi construída por este povo, e o local onde ela se erguia é conhecido ainda hoje pelo nome de Igreja Velha, no alto da Serra da Boa Vista.

Palmeira dos Índios é também conhecida como "Terra dos Xukuru". Antes do aparecimento dos brancos, os Xukuru-Kariri eram os donos de todas as terras que compreendem hoje não só Palmeira dos Índios, mas outros municípios alagoanos. "Tomaram-nos tudo, porém!" — escrevem, com tristeza, o cacique Manoel Celestino da Silva (Wakonan) e o capitão José Jerônimo da Rocha. No século XIX, congregados em missão indígena por Frei Domingos, os Xukuru-Kariri chegaram a formar duas Companhias de Ordenanças de Milícias. Participaram de batalhas contra os republicanos, na guerra da Confederação do Equador (1824), e lutaram também na guerra do Para-

guai.

Em maio de 1952, o antigo SPI comprou a propriedade denominada Fazenda Canto, com uma área de 372 hectares. Ali foram alojadas várias famílias de remanescentes do povo Xukuru-Kariri, que, nessa época, representavam mais de 300 pessoas. Transferidos para essa fazenda, os índios totalizam agora quase 1250 pessoas — número, aliás, que não corresponde à quantidade exata de índios deste povo existentes em Palmeira dos Índios. Muitos outros, que deveriam estar ali, não podem fazê-lo, visto que não há terra suficiente para nela se trabalhar em lavoura. Por isso, são obrigados a se dispersar como indigentes, trabalhando para um e outro, esporadicamente. Ainda assim, as terras da Fazenda Canto, com um índice muito acentuado de salinização, não produzem o necessário para que os índios possam sustentar suas famílias.

É antiga a luta dos Xukuru-Kariri pela reconquista de suas terras. Em

1821, os índios escreveram uma petição ao Governo Provincial, exigindo uma área de 4.356 hectares. Em 15 de novembro de 1822, o sargento-mor José Gomes da Rocha, juiz de Sesmarias, iniciou o trabalho de medição das terras solicitadas pelos índios, tarefa que levou 17 dias para realizar. Só que o processo de demarcação destas terras foi engavetado por 39 anos. Havia um complô generalizado entre os brancos, no sentido de que a medição resultasse em fracasso. O referido processo está hoje arquivado no Museu Xukuru, em Palmeira dos Índios.

À Funai, os índios dizem não abrir mão da exigência de demarcação de suas terras no mais curto espaço de tempo possível: "Essa légua de terra é nossa. Queremos, porque nos pertence. E para que não nos sejam criados obstáculos que radicalizem posições, estamos pedindo a este órgão que nos ajude a solucionar a questão. Afirmamos pretender a légua total da terra a que temos direito. Disso não abriremos mão!"